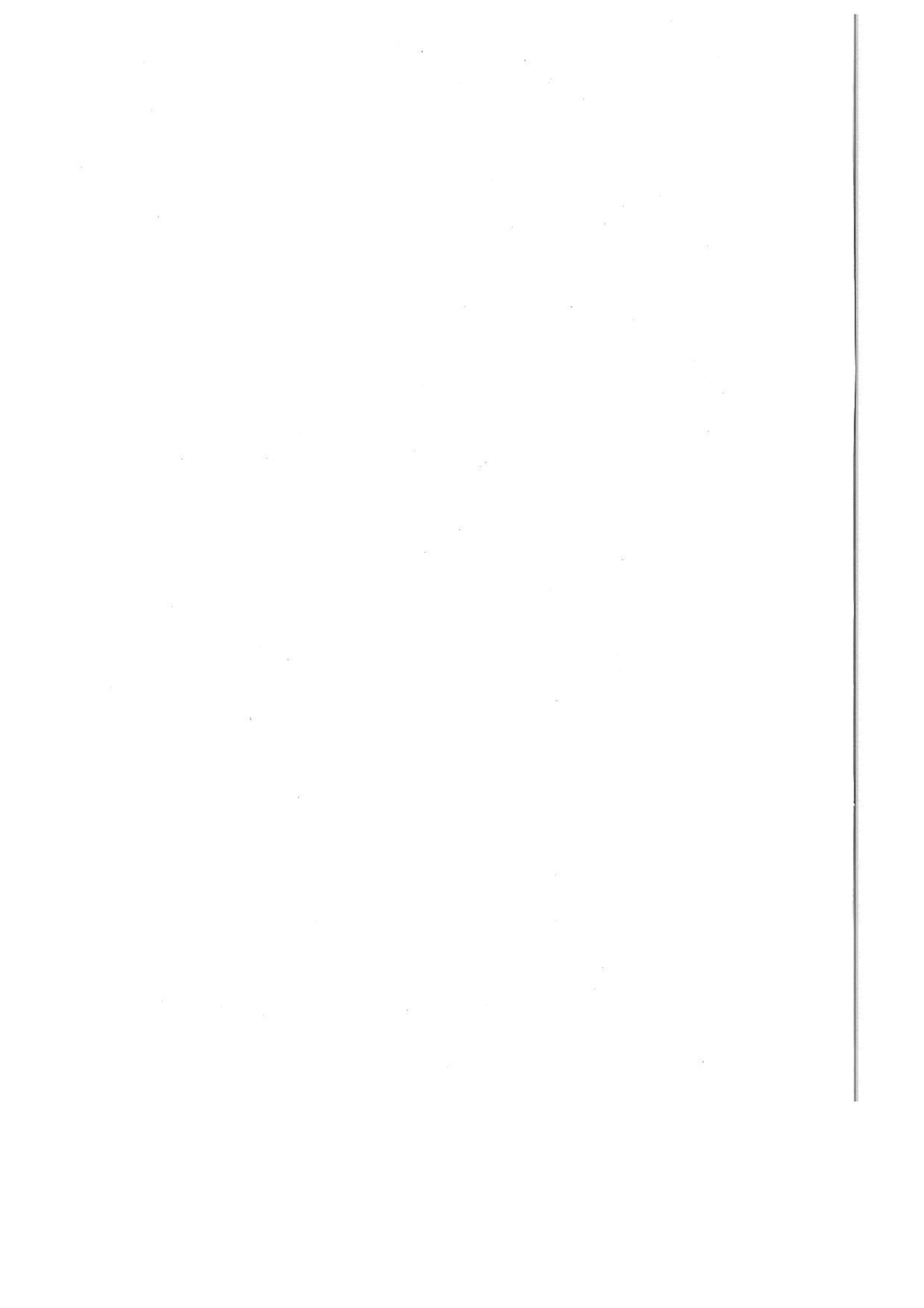


Parte 3
Dossiê Antônio de Abreu Rocha



Professor Abreu: cultor e mestre da língua portuguesa “até debaixo d’água”

Vanda de Oliveira Bittencourt*

À memória do Prof. Antônio de Abreu Rocha

Resumo

Nesta parte da *Scripta*, cumpro-me realizar duas tarefas, de que me honro e orgulho: uma, a de apresentar o Prof. Antônio de Abreu Rocha, um de nossos grandes mestres da Língua Portuguesa, que, não se contentando em descrevê-la e ensiná-la, “fez de um tudo” para mostrar sua “riqueza grandiosa”, nos vários escritos – em verso e em prosa –, que nos deixou; outra, de poder publicar um de seus trabalhos ainda inéditos, no caso, a primeira parte de seu glossário intitulado *Da fala nossa de cada dia nas Minas Gerais*, que, subsequente a esta apresentação, contém alguns dos termos e expressões idiomáticas usados entre nós, das Minas Gerais.

Palavras-chave: Antônio de Abreu Rocha; Professor, ensaísta e escritor; Gramático e lexicógrafo; Fala de Minas Gerais; Termos e expressões idiomáticas.

(...)
Para completar minha fé,
tenho paixão p’la beleza,
pela forma sonora,
pela riqueza grandiosa,
desta LÍNGUA PORTUGUESA!
(Antônio de Abreu Rocha)

Dentre as “lições proverbiais” usadas em família para “botar nos eixos” a meninada que “pintava o sete”, algumas jamais me saíram da memória, hoje já vacilante pelos anos vividos. Uma delas, de que eu era o alvo principal, procurava nos ensinar que não se deve querer “abarcар o mundo com as pernas”, ou seja, fazer várias coisas ao mesmo tempo, uma vez que “homem de sete ofícios é de quatorze necessidades”.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Por um bom tempo, pareceu-me que a melhor coisa a fazer era acatar o ensinamento desse “bendito” provérbio, pois que, afinal, advinha da voz do bom senso e da sabedoria, que é a voz do povo. Contudo, a própria vida me levou a questionar a extensão da aplicabilidade do conselho implícito nesse enunciado, dando-me a oportunidade de conhecer vários “contraprovérbios vivos”, dentre os quais, um Professor de Língua Portuguesa, conhecido no meio universitário, em atuava, como PROF. ABREU.

Naturalmente, não era intenção desse mestre desmentir o *dictum* do velho enunciado que “me martelava a cabeça”, mas que ele o fez, fazendo muitas coisas ao mesmo tempo, e todas muito bem, conforme nos testemunham seus colegas, alunos, ex-alunos, familiares e demais pessoas que o procuravam como “consultor”, é um fato que não se pode negar.

Cultor da língua portuguesa, cuja gramática conhecia “na palma da mão”, o professor Antônio de Abreu Rocha não se deu por satisfeito em apenas estudá-la, mas procurou descrevê-la – sincrônica e/ou diacronicamente –, sobretudo em sua dimensão sintática, publicando artigos, ensaios, livros (1954, 1957, 1962, 1984), glossários etc. e, como não podia deixar de ser, administrando aulas em Faculdades/Departamentos de Letras. Seguidor da linha tradicional de abordagem lingüística, o professor Abreu Rocha não se deixou escravizar por ela, mostrando-se sempre independente no seu modo de encarar a língua portuguesa, manifestando opiniões próprias, não só através de propostas analíticas alternativas, ou complementares, às da NGB, como, também, valorizando a língua em uso e prestigiando a sua modalidade oral. Isso, sem nunca desconsiderar a modalidade escrita, fosse ela literária, ou não. Independentemente da propriedade da solução de análise defendida por esse autor para problemas comuns ao código lingüístico, percebe-se, em passagens como a de abaixo, o uso do pronome dativo *lhe* como forma de expressão do objeto direto em nossa língua, um exemplo comprobatório de sua autonomia de pensamento, contrário, no caso em pauta, ao dos demais estudiosos, segundo ele próprio admite:

Há um caso pelo menos em que, para mim, o objeto direto é representado pela forma pronominal *lhe*, correspondente a um substantivo que funcionaria como objeto direto preposicionado: “todos *lhe* chamam bôbo”. Sei que ninguém concorda comigo. Mas pergunto: pode essa frase construir-se na *passiva*? pode: “ele é chamado bôbo por todos”. Então? Não é aquele pronome, agora em nominativo naturalmente, o sujeito (*paciente*) da voz passiva? — Por isso é o pronome *lhe* o *paciente* na outra frase. *Paciente, Mestres, é objeto direto.* (ABREU ROCHA, 1962, p. 52, nota 52; negrito meu).

A dúplice preocupação do Prof. Abreu com as modalidades oral e escrita de nossa língua, acima referida, pode ser atestada nos diversos trabalhos – publica-

dos ou não – que nos legou. Neles, percebe-se que, se, por um lado, em suas descrições gramaticais, ele privilegiou, como os demais defensores da Gramática Tradicional, a língua escrita literária, por outro, em glossários como o que aqui se publica (em sua primeira parte), nos fornece um retrato do português oral, tal como empregado pelo povo brasileiro, mais especificamente, pelo mineiro oriundo de camada social popular.¹

Linguísta de opinião própria, reitera-se, preocupava-lhe, também, o lado estético da língua portuguesa, que buscava explorar através da incorporação, em seus compêndios gramaticais, de poemas e trechos em prosa não só emprestados aos autores que admirava, mas também criados por ele próprio. Na qualidade de discípulo confesso do grande estilista francês Charles Bally, que cita (e homenageia) na epígrafe inicial de sua obra *De gramática e de estilística* (1998), o professor Abreu sempre buscou associar o aparato formal de nossa língua ao sentido, expressividade e até grau de comunicabilidade nele engendrados.

Aos alunos aconselhava levar em conta o caráter mutante da língua, a sua função comunicativa e a sua representatividade social. Daí a sua insistência em recomendar-lhes que a falassem com elegância e observassem roteiros como o seguinte, em sua produção escrita: "... escrever, ler, reler, retocar, burilar – até deslizar suavemente pelo ouvido e sensibilizar o espírito com o mesmo encanto das águas na cachoeira..." (ABREU ROCHA, 1998, p. 76). Esse encanto, segundo ele, seria alcançado através da observância da clareza, naturalidade, disposição, concisão, harmonia, ritmo e originalidade, bem como do respeito às normas da forma lingüística aceita e consagrada pela língua corrente, tal como fixada pela língua literária contemporânea.

Consciente da relação entre as diversas instituições sociais e os tipos de discurso e, também, da dificuldade dos usuários "leigos" em redigir textos de caráter técnico, o Prof. Abreu publicou dois livros – *Redação oficial* (1976) e *Redação comercial* (1977) – destinados a sanar, ou, pelo menos, a minimizar, esse problema. Ajudou-o, nessa tarefa, a experiência própria adquirida nos diversos "ofícios" que a vida de menino pobre o levou a exercer.

Não bastassem suas atividades de gramático e de professor de Português, mais ligadas ao campo da Lingüística e da Estilística, esse homem de "sete faces" (mas sem "quatorze necessidades"), entusiasta que era da arte literária, sobretudo da produzida em língua portuguesa, enveredou pelo caminho da crítica, deixando-nos vários ensaios, nos quais pôde sacramentar a sua admiração (para não dizer devoção) pelo raciocínio arguto e questionador do Padre Antônio Vieira, pelas

¹ Os cinco capítulos e o apêndice da primeira parte de seu compêndio *De gramática e de estilística* (1998), por exemplo, são dedicados ao estudo do português oral.

“molecagens” lingüísticas de Monteiro Lobato, pela elegância sisuda e, por vezes, amarga de Machado de Assis e até pelo sofrimento lírico de Florbela Espanca.

Ledo engano de quem imaginou que ele “parou por aí”. Nem pensar! Toda essa empresa intelectual – lingüística e literária – que devia ser mais do que suficiente para ocupar a vida de um pai empenhado na educação de sete filhos não contentaria nunca. Era preciso ir mais longe, “pondo a mão na massa”, para exercer, ele próprio, a arte literária. E assim se fez a sua vontade. Além de interagir com os leitores nas mais de quatrocentas crônicas publicadas em jornais de maior circulação em Belo Horizonte, o mestre Abreu compôs minicontos e novelas, alguns dos quais reunidos em seu **Recreio literário**, datado de 2001. Não satisfeito, compôs poemas, que se encontram parcialmente publicados em **Sol de minha vida**, resultante, segundo ele, de um trabalho realizado “de corpo e alma”, nos anos de 2001 e 2002.

Todavia, não foram essas atividades e nem mesmo a assessoria que prestou a Secretários da Educação e ao Governo de Minas Gerais que constituíram o orgulho do Prof. Abreu Rocha. A sua vibração maior, denunciada, de um modo patente, no brilho dos olhos, era com o ensino da nossa língua, o Português. A sua alma era toda PROFESSOR! E ele o foi vinte e quatro horas por dia, durante todo o tempo que atuou em instituições escolares e mesmo depois, quando já aposentado. O “furor pedagógico”, para usar um termo próprio ao nosso jargão profissional, nunca o abandonou. Tanto é que as suas atividades didáticas foram muito além do espaço institucional, tal como o da Academia de Polícia de Minas, o do Colégio Estadual “Ordem e Progresso”, o da PUC Minas, ou o da Faculdade de Letras da UFMG, estendendo-se ao cenário domiciliar, onde costumava atender às “consultas gramaticais” que lhe eram feitas por telefonemas e cartas (e, depois, por *e-mails*), por colegas, alunos, ex-alunos, amigos e até por desconhecidos que davam “tratos à bola”, na tentativa de dominar essa língua portuguesa. Quantas palestras ele ministrou! Quantas crônicas escreveu! Quantos adendos incluiu em seus compêndios de gramática, com propostas de exercícios de aplicação da matéria anteriormente abordada. Isso sem falar nos “papos” de corredor e de cantina, que se começavam com assuntos do dia como o da política, do nosso futebol, ou o dos últimos acontecimentos, nacionais e mundiais, acabavam, infalivelmente, caindo em discussões de ordem lingüística, sobretudo relativas ao português.

Em face de tudo isso, é natural que nos cause estranheza o fato de um seguidor ardoroso da Gramática Tradicional importar-se tanto com o uso real da nossa língua, lembrando-nos, sempre que podia, que, “sendo a linguagem falada a língua viva de verdade”, era “**absolutamente relevante** o seu estudo nas instituições escolares” (ABREU ROCHA, 1998, p. 5; destaque meu). Sem ficar apenas

na palavra, mas buscando agir, o professor Abreu Rocha, em coerência com suas idéias lingüísticas, elaborou, com o auxílio de alunos-policiais da Academia de Polícia de Minas Gerais, um **Vocabulário de gíria**, publicado apenas parcialmente, em seu livro **De gramática e de estilística** (1998, p. 66-69), entendendo-se o termo *gíria*, no caso em pauta, em seu sentido estrito de “código destinado a limitar a compreensão lingüística a cada grupo de falantes marginais (...), contraventores, criminosos, malfeitores, que não podem ser entendidos além da sua área de operação” (ABREU ROCHA, 1998, p. 64). Composto na década de 1970, obviamente, esse glossário já está ultrapassado em muitos de seus verbetes (para não dizer todos), em razão da sua brevidade de vida imposta pela própria necessidade de ocultar os seus enunciadores.

O mesmo interesse em estudar e divulgar o falar da gente brasileira, principalmente das Minas Gerais, moveu esse autor a arrolar termos e expressões que ouvia e/ou guardava na memória e que, no seu dizer, “nascem ‘sem-quê-nem-pra-quê’ no embate natural das relações sociais” (ABREU ROCHA, 2005, p. 1). Embora não tenha podido, ele próprio, coletar os exemplos e rever, conforme planejado, a pequena lista de idiomatismos comuns nas Minas Gerais, que tanto prazer e orgulho lhe proporcionava, o mestre Abreu deixou-a, como obra inacabada, a ser sempre completada por outros investigadores, interessados como ele em investigar esse lado tão “povo” de nossa língua. Com essa herança nas mãos, decidimos publicá-la na revista **Scripta**, da PUC Minas, começando, no presente número, com os verbetes que vão de A a D.

Arrolados em ordem alfabética determinada por seus constituintes nucleares (“mão-de-vaca”, pé de chinelo”), ou pelo item verbal de acepção flutuante (“bater as botas” = ‘morrer’, “bater na mesma tecla” = ‘insistir’), o glossário **Da fala nossa de cada dia das Minas Gerais**, contém, por vezes, informações adicionais, que ultrapassam o plano do significado dos termos e expressões nele arrolados. Dentre elas destaquem-se:

- a) a indicação de sua origem e/ou do grupo social que mais os emprega.
Exemplo: “**Dedo-duro** (...). Expressão corrente na linguagem policial”. (ABREU ROCHA, 2005, p. 251);
- b) uma avaliação de ordem estilística, na qual se aponta e se comenta a força de expressividade de algumas das formas recolhidas/lembradas.²
Exemplo: “**Pra cachorro** (...) Comentário: de caráter superlativo, essa é uma das expressões de que nos valem para expressar intensidade. Além disso, ela costuma traduzir opinião discordante do enunciador”. (ABREU ROCHA, 2005, p. 238);
- c) uma referência ao ato discursivo, como, por exemplo, o contexto de uso

² Conforme referido, coube-me coletar os exemplos que o autor não conseguira registrar.

(textos de canções populares, classes sociais, ambientes profissionais, etc.), ou do estado emocional de quem enuncia a(s) forma(s).

Exemplos:

- i) Música popular: “Pôr terra pra fora (...) = Vencer distância (...). Como na canção do grande compositor e cantor ‘caipira’ Raul Torres: (...) ‘meu cavalo é bão, eu levo a sinhora/ quatro légua e meia daqui a Pirapora/ num passo troteado põe terra pra fora’”) (ABREU ROCHA, 1995-2000, p. 41);
- ii) Local de ocorrência: “Burro-de-carga – l. e. = No meio rural, burro que transporta a carga (...). Pessoa que carrega sozinha o peso dos compromissos” (sentido figurado) (ABREU ROCHA, 2005, p. 136);
- d) uma preocupação de ordem enunciativa, manifestada nas observações que faz a respeito do enunciador.
Exemplo: “Dá um boi para não entrar na briga: mas dá uma boiada para não sair dela... – l. c. = Atribui-se ao temperamento cauteloso e, ao mesmo tempo, ferrenho do mineiro (natural do Estado de Minas Gerais)...”
- e) um comentário irônico ou jocoso do autor a respeito do uso/obsolescência de alguns verbetes.
Exemplo: “Pedir a mão – l. c. = Propor casamento (na sociedade atual, a expressão está em desuso)” (ABREU ROCHA, 1995-2000, p. 28);
- f) indicação da função sintática exercida na frase pelo termo ou expressão.
Exemplo: “Assim como assim – l.c. = Expressão adverbial igual a ‘desse modo’” (ABREU ROCHA, 2005, p. 231-232).

Embora valiosos, esses e outros dados informativos não se encontram de todo organizados e completos como era de desejo do autor. Com vistas a apresentá-los de um modo mais funcional e harmonioso, sem deixar, é claro, de respeitar as normas filológicas, tomei a liberdade de promover algumas alterações destinadas a facilitar sua leitura e interpretação, reordenando-os e alocando-os em linhas distintas. Dessa maneira, quando possível, cada verbete vem acompanhado da seguinte matriz informacional: a) modalidade lingüística de origem/uso; b) acepção(ões); c) comentários de natureza contextual; d) outros tipos de comentários e, por fim, e) exemplificação obtida a partir do uso real de nossa língua.

Com toda certeza, as lacunas observadas não desmerecem o trabalho desenvolvido por nosso homenageado, que, além de nos oferecer a oportunidade de conhecer melhor o falar da gente de camada social menos instruída, oferece-nos material de pesquisa a ser valorizado e explorado no processo de ensino-aprendizagem da nossa língua.

Que ele nos “dê pano pra manga” e nos “ofereça o caminho das pedras”, conforme sonhou seu mentor, Antônio de Abreu Rocha, Gramático e Professor “até debaixo d’ água.

Résumé

Dans cette partie de la Revue *Scripta*, nous essayons d'accomplir une double mission: d'abord il s'agit de présenter Antônio de Abreu Rocha, un grand chercheur et enseignant de la Langue Portugaise, qui a écrit des articles et des grammairs sur notre langue et qui a aussi produit quelques oeuvres littéraires; ensuite, nous avons l'honneur d'introduire la première partie du Glossaire (encore inédit) qu'il a organisé sur quelques "mots et expressions idiomatiques" utilisés dans la langue parlée au Brésil, région du Minas Gerais.

Mots-clés: Antônio de Abreu Rocha; Enseignant, chercheur et écrivain; Langue Portugaise; Glossaire; Mots et expressions idiomatiques; Dialecte de Minas Gerais – Brésil.

Referências

Compêndios gramaticais

ABREU ROCHA, Antônio de. *Questões de português*. Belo Horizonte: ed. do autor, 1954.

ABREU ROCHA, Antônio de. *Análise sintática*. Belo Horizonte: ed. do autor, 1957.

ABREU ROCHA, Antônio de. *Nova análise sintática*. Belo Horizonte: Vigília, 1962.

ABREU ROCHA, Antônio de. *Gramática e linguagem; curso de português*. Belo Horizonte: Veja/Novo Espaço, 1984.

ABREU ROCHA, Antônio de. *De gramática e de estilística*. Porto Alegre: La Salle, 1998.

Manuais de redação

ABREU ROCHA, Antônio de. *Redação oficial*. Belo Horizonte: Vigília, 1972.

ABREU ROCHA, Antônio de. *Redação comercial*. Belo Horizonte: Vigília, 1977.

Glossários

ABREU ROCHA, Antônio de. *Vocabulário de gírias*. Belo Horizonte, 1964. Inédito.

ABREU ROCHA, Antônio de. *A fala nossa de cada dia nas Minas Gerais: glossário de termos e expressões idiomáticas*. Belo Horizonte, 1995-2000. Versão completa. Inédito.

Ensaio

ABREU ROCHA, Antônio de. *A fala nossa de cada dia nas Minas Gerais: glossário de termos e expressões idiomáticas*. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 8, n. 16, p. 228-255.

ABREU ROCHA, Antônio de. *Florbela Spanca*. Belo Horizonte, 1995. Inédito.

Obras literárias

ABREU ROCHA, Antônio de. *Recreio literário*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001.

ABREU ROCHA, Antônio de. *Sol de minha vida*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

